

Freud falando brasileiro: prolegômenos¹

Márcio Souza Gonçalves²

Júlia de Aquino Vidal Gomes Borges³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Resumo

Propõe-se aqui um início de abordagem da história editorial de Freud no Brasil, abrindo a discussão com o problema da tradução. Considerando a enorme quantidade de questões que a tradução dos termos utilizados pelo vienense envolve, termos em grande parte oriundos da linguagem do dia-a-dia e transformados em conceitos, optou-se pela análise de um termo específico. É tratada a tradução do termo *angst* em um importante texto freudiano a partir da análise da edição *Standard*, da Imago.

Palavra-chave: Freud; tradução; Edição Standard; editora Imago; *angst*.

Uma história editorial exaustiva das obras de Freud no Brasil ainda está por ser feita. O tema é importante se se considera a importância da psicanálise e a recenticidade da passagem para domínio público das obras freudianas.

Não se propõe aqui mais do que um esboço preliminar da abordagem de um dos aspectos envolvidos.

Discutir-se-á a tradução de um termo importante utilizado por Freud, *angst*.

A tradução é um dos momentos do percurso editorial de uma obra em língua estrangeira, momento especialmente importante na medida em que, sendo uma traição, que pode ser melhor ou pior, segundo o adágio que já faz parte do senso comum, é simultaneamente abertura de acesso aos que dominam apenas a língua nativa. A escolha do tradutor e de suas preferências idiossincráticas de tradução se configuram, assim, como bastante relevantes e dignas de investigação pelo campo dos estudos editoriais.

Trabalharemos aqui com a edição historicamente mais importante, a Edição Standard da Imago. Nos deteremos especialmente em um texto onde o problema em tela é bastante visível, **Inibições, sintomas e ansiedade**.

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Cultura, bolsista Prociência UERJ/FAPERJ, professor do Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenador do Laboratório de Investigação da História da Comunicação (LIHC) – UERJ. E-mail: marcio.souza.goncalves@gmail.com.

³ Mestre em Comunicação pelo PPGCom-UERJ, membro do Laboratório de Investigação da História da Comunicação (LIHC) – UERJ. E-mail: juliadeaquinoborges@gmail.com.

O horizonte maior da discussão é o fato de que Freud utilizava termos comuns da língua alemã em um sentido conceitual, o que se perde em grande parte das traduções existentes, notadamente quando são utilizados diferentes termos em português para um mesmo termo alemão.

A seguir, dois trechos, a serem analisados, que apresentam bem as questões envolvidas, na medida em que *angst* recebe diferentes traduções, truncando bastante a leitura em português (formatação diferenciada e destaques nossos para permitir mais facilmente a comparação):

Aqui, então, está o nosso inesperado achado: em ambos os pacientes a força motriz da repressão era o **medo da castração**. As **idéias contidas na ansiedade** deles - a de ser mordido por um cavalo e a de ser devorado por um lobo - eram substitutos, por distorção, da idéia de serem castrados pelo pai. Esta foi a idéia que sofreu repressão. No menino russo a idéia era a expressão de um desejo que não foi capaz de subsistir em face de sua revolta masculina; em ‘Little Hans’ foi a expressão de uma reação nele que transformara sua agressividade em seu oposto. Mas o **afeto de ansiedade**, que era a essência da fobia, proveio, não do processo de repressão, não das catexias libidinais dos impulsos reprimidos, mas do próprio agente repressor. A **ansiedade** pertencente às fobias a animais era um **medo não transformado de castração**. Era portanto um **medo realístico** o **medo** de um perigo que era realmente iminente ou que era julgado real. Foi a **ansiedade** que produziu a repressão e não, como eu anteriormente acreditava, a repressão que produziu a **ansiedade** (p. 130).

Hier nun das unerwartete Ergebnis: In beiden Fällen ist der Motor der Verdrängung die **Kastrationsangst**; die **angstinhalte**, vom Pferd gebissen und vom Wolf gefressen zu werden, sind Entstellungersatz für den Inhalt, vom Vater kastriert zu werden. Dieser Inhalt ist es *eigentlich*, der die Verdrängung an *sich* erfahren hat. Beim Russen war er Ausdruck eines Wunsches, der gegen die Auflehnung der Männlichkeit *nicht* bestehen konnte, bei Hans Ausdruck einer Reaktion, welche die Aggression in ihr Gegenteil umwandelte. Aber der **angstaffekt** der Phobie, der ihr Wesen ausmacht, stammt *nicht* aus dem Verdrängungsvorgang, *nicht* aus den libidinösen Besetzungen der verdrängten Regungen, sondern aus dem Verdrängenden selbst; die **angst** der Tierphobie ist die **unverwandelte Kastrationsangst**, also eine **Realangst**, **angst** vor einer wirklich drohenden oder als real beurteilten Gefahr. Hier macht die **angst** die Verdrängung, *nicht*, wie *ich* früher gemeint habe, die Verdrängung die **angst** (p. 656).

Essa comparação preliminar aponta problemas delicados cuja discussão é importante dentro do campo editorial. A escolha de diferentes termos em português para o mesmo termo alemão é a ponta de um iceberg a ser melhor explorado.

Referências

FREUD, S. **Inibições, sintomas e ansiedade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, volume XX. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1976.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Faesa – Vitória – ES

De 11 a 16/08/2025 (etapa remota) e 01 a 05/09/2025 (etapa presencial)

FREUD, S. **Hemmung, Symptom und Angst**. Edição digital. Disponível em <http://staferla.free.fr/Freud/FREUD%20Gesammelte%20Werke.pdf> – acesso em 27/06/2024.